

ENVELHECIMENTO E GÊNERO: UMA REFLEXÃO SOBRE A FEMINIZAÇÃO DA VELHICE¹

EULINA PATRÍCIA OLIVEIRA RAMOS PIRES²

LUZIA WILMA SANTANA DA SILVA³

Resumo

O envelhecimento humano é um fenômeno global assinalando-se pelo predomínio de idosas, a chamada feminização da velhice. Uma etapa da vida da mulher que impõe ainda mais resiliência para o viver-envelhecer com dignidade diante das vicissitudes do processo saúde-doença, fatores socioeconômicos, suporte social, familiares e outros. Trata-se de uma reflexão teórica que teve como objetivo discutir reflexivamente o envelhecimento com referência à questão de gênero no contexto da feminização na contemporaneidade. Preocupa-se em despertar reflexividade à práxis profissional em saúde.

Palavras-chave: Envelhecimento, Gênero, Feminização da velhice, Contemporaneidade, Cuidados em saúde.

Introdução

O alcance da fase da velhice, 60 e mais anos, representa uma conquista do processo de viver humano, de imbricamento científico, tecnológico, socioeconômico de políticas públicas, entre outros. Um resultado combinado que no histórico do Brasil, tem estrita relação com a compreensão da redução dos níveis de fecundidade e mortalidade nos idosos da década de 70 que convergiu para transformações no padrão demográfico brasileiro.

O novo cenário produto de tais imbricamentos, apresenta uma população idosa majoritariamente composta por mulheres – desenhando um processo nominado de feminização da velhice (NICODEMO; GODOI, 2010).

Uma conquista de via de mão dupla, pois o longeviver não necessariamente representa viver melhor com qualidade de vida, na observância de que com a senescência muitas são as alterações no organismo de risco ao desvio de saúde, como às Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT). Outro aspecto é que o ser mulher carrega uma historicidade cultural de acúmulo de atividades cuidativas familiares e do lar que perseguem o seu viver-envelher. Segundo Nicodemo e Godoi (2010), percorrem as fases do ciclo vital com desvantagens como de

¹ Este artigo é parte do estudo de dissertação de mestrado, do Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Jequié, BA.

² Enfermeira, docente do Departamento de Saúde II, da UESB. Mestranda em Relações Étnicas e Contemporaneidade - UESB.

³ Enfermeira, Pós-Doutora em Filosofia, Saúde e Sociedade, pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem da UFSC. Docente do Departamento de Saúde II e do Mestrado Acadêmico em Relações Étnicas e Contemporaneidade - UESB.

violência, discriminação, salários inferiores aos dos homens, dupla jornada de trabalho, viuvez, maior probabilidade de serem mais pobres do que os homens. Ou seja, o retrado da desigualdade de gênero estruturante (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – Ipea, 2011). Todavia, em uma compreensão sobre a historicidade desde ser vemos tratar-se de um gênero forte, de potencialidades resilientes que se empoderam e se refaz no cotidiano existencial, razão disto pode-se considerar sua maior representatividade humana na pirâmide demográfica do Brasil e de outras nações mundo afora.

Avaliando-se tais questões, emergiu como objetivo deste estudo discutir reflexivamente o envelhecimento com referência à questão de gênero no contexto da feminização na contemporaneidade, cuja preocupação assentar-se em despertar reflexões à práxis profissional em saúde, assim como, possibilitar contribuições na produção de conhecimentos ao olhar para a integralidade do ser mulher idosa em seu ambiente de pertencimento sociocultural.

Nesta perspectiva, toma-se como direcionamento um ensaio de empreender uma reflexão teórica cingindo as questões elencadas nos parágrafos precedentes sobre a feminização da velhice e sua interface com o gênero como variável analítica que permeia o processo de envelhecimento.

Envelhecimento humano, fenômeno mundial de grande magnitude: olhares sobre a feminização

O olhar na demografia nas últimas décadas evidência mudanças profunda em toda a sociedade mundial. No contexto brasileiro este fenômeno se avulta em passos largos e acelerados e as previsões estatísticas informam que em 2025, o Brasil será a sexta maior população em números de idosos do mundo (BRASIL, 2017).

Importante destacar que se trata de um processo desproporcional, em que o predomínio será em número de mulheres em relação ao de homens, fato que acalora ainda mais as discussões e reflexões referentes ao fenômeno da feminização da velhice (MAXIMIANO-BARRETO et al, 2019; NASCIMENTO, 2015).

Ancorando-se nessa perspectiva, não se pode deixar de pensar reflexivamente sobre a heterogeneidade do fenômeno velhice no que se refere às questões de gênero, enquanto categoria analítica caracterizada como fator influenciador do modo de viver essa etapa da vida. Neste contexto, é forçoso compreender a amplitude deste fenômeno no entendimento da definição de

gênero, tendo em vista a ação do mesmo na construção de “papeis sociais que se diferenciam entre homens e mulheres” (MAXIMIANO-BARRETO et al, 2019, p. 241).

Para Scott (2005, p. 21) “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”.

Sendo assim, o gênero deve ser considerado como categoria analítica na discussão sobre a feminização da velhice, sendo o mesmo constitutivo das relações sociais que envolvem essa fase da vida da mulher idosa em seu contexto de pertencimento na sociedade contemporânea.

O Processo de Envelhecimento e suas implicações na feminização da velhice

O envelhecimento é um fenômeno biológico complexo do processo de viver humano, podendo se apresentar no corpo físico, biológico, psicológico e social do ser envelhecendo de diferentes maneiras. Uma fase de vivências-experiências distinta ao ser-estar relacional no mundo. No contexto feminino, uma fase considerada como categoria invisibilizada, ‘produto’ de uma concepção procedente de uma sociedade patriarcal, que precisa para ontem, rever seus modos de estar no mundo, especialmente diante de uma população que se expressa majoritariamente em números de mulheres.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios Contínua realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2012 a 2017 o Brasil ganhou 4,8 milhões de idosos superando a marca para 30,2 milhões em 2017, o que corresponde a um crescimento de 18% de idosos, um número representativo no cenário nacional. Ainda, de acordo com estimativas, este grupo humano poderá chegar a 38 milhões em 2027 (IBGE, 2017), sendo **a maioria expressiva de mulheres 16,9 milhões (56% de idosas) [grifo nosso]**, enquanto os homens serão de 13,3 milhões (44% de idosos) (IBGE, 2017).

Pode-se assim destacar a relevância desse rever os modos de estar para ontem, ao asseverar que a feminização da velhice no Brasil é factual, sendo este o gênero exponencialmente representativo da população (ALMEIDA et al, 2015; MAXIMIANO-BARRETO et al, 2019).

Neste particular, ainda é possível destacar a distribuição da população do Brasil por sexo e grupo de idade. Na população feminina um percentual de 2,5%

(60-64 anos), 2,0% (65-69 anos), 1,4% (70-74 anos), 1,0% (75-79 anos) e 1,3% (80 ou mais). Entre os homens esse percentual é 2,1% (60-64 anos), 1,6% (65-69 anos), 1,1% (70-74 anos), 0,8% (75-79 anos) e 0,8% (80 ou mais) (IBGE, 2017).

Trata-se de uma evidente realidade que exige atenção aos fatores envelhedores do processo de viver humano da mulher idosa, em seus aspectos biopsicossociais ao viver-conviver com o envelhecimento e as implicações biológicas consideradas aceitáveis e previsíveis nesse contexto. Entretanto, com o avançar da idade o declínio dos sistemas orgânicos pode levar ao surgimento de DCNT que impactam nas variáveis de qualidade de vida e saúde. Portanto, pensar reflexivamente o ser mulher idosa não implica apenas considerar alterações fisiológicas, biológicas e químicas a um envelhecimento patológico (MAXIMIANO-BARRETO et al, 2019), envolve reflexividade ética-moral sobre questões multidimensionais do ser-existir humano.

Neste entendimento, ultrapassar a percepção reducionista de feminização da velhice como naturalizada pela invisibilidade da mulher idosa através das relações sociais e de poder, perpassadas pelas noções de papéis masculino e feminino, baseados no modelo tradicional de relações de gênero, onde a figura masculina no seio patriarcal das famílias pode influenciar no modo como a mulher idosa e outros membros familiares percebem e vivenciam a velhice no contexto de gênero, circundado por desigualdades estruturais da sociedade (DANIEL; SIMÕES; MONTEIRO, 2012).

Embora a mulher idosa se destaque em número em relação aos de homens idosos na população envelhecendo, esse fato é constatado pelo maior cuidado com a sua saúde que elas dispensam ao longo da vida, na procura por serviços preventivos e melhores hábitos de vida, mesmo ao considerar a trajetória de vida das mulheres idosas, marcadas pela baixa escolarização, baixa renda, baixa inserção no mercado de trabalho, baixa qualificação profissional, “e um ambiente sociocultural marcado pela forte ideologia de gênero que prescreve um papel subalterno da mulher na sociedade (...)” (NASCIMENTO, 2015, p.191-192).

Nesta perspectiva é mandatário refletir sobre a feminização da velhice percorrendo caminhos que conduzam ao entendimento sobre questões de gênero na contemporaneidade.

Questões de Gênero: interface com a feminização da velhice

O uso da categoria gênero obteve destaque nos discursos contemporâneos pela maior ênfase apontada por feministas americanas que começaram a utilizar o termo em seu sentido literal, como forma de “referir-se à organização social da relação entre os sexos” (SCOTT, 2005, p. 2).

Segundo Scott (2005) as inquietações teóricas sobre gênero como categoria de análise só surgiram no final do século XX. Houve um apagamento por parte das teorias sociais sobre o tema desde o século XVIII até o começo do século XX. Essas teorias construíram caminhos diversos mantendo a lógica das analogias entre a oposição masculino/feminino, outras buscaram o reconhecimento da “questão feminina” e ainda a preocupação com a formação da identidade sexual subjetiva, mas sem considerar as questões de gênero como sistemas de relações sociais entre os sexos (SCOTT, 2005).

O termo gênero na perspectiva da política feminista – em seu binarismo sexo/gênero –, como pilar fundamental, reforça a ideia de que o sexo é natural e o gênero é construído socialmente. Essa dualidade de pensamento é discutida e questionada por Butler (1998), que salienta que o sexo não é apenas natural, mas evocado de forma discursiva e culturalmente e o gênero, a biologia, não seria o ponto fixo, e sim, a cultura tornaria o seu destino.

Butler (1998) discorre ainda que essa distinção sexo/gênero promovida pela teoria feminista é ultrapassada e não perspectiva o vínculo entre gênero e desejo, considerado também como natural. Define gênero como fenômeno inconstante, aberto e contextual que não pode ser imaginado a partir de um ser substancial, inerente e fixo, mas construído nas relações de poder, historicamente e culturalmente convergente, contingente, contencioso e mutável.

Já Scott (2012) considera que o gênero como categoria analítica esta intimamente ligada à arena social na dinâmica entre o sexo e orientação sexual, construída historicamente nas relações entre os sexos.

Considerando o explanado nos parágrafos precedentes, a discussão e reflexão sobre gênero como categoria de análise não se esgota, mas permanece como um campo aberto, fluído e dinâmico no cenário científico/acadêmico e como argumenta Scott: “o gênero é, portanto, um meio de decodificar o sentido

e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana" (2005, p. 23).

Deste modo, falar sobre a feminização da velhice perpassa por saber-conhecer as diversas formas de interação da mulher idosa com seu meio de pertencimento sociocultural. Interações que influenciam positiva ou negativamente o processo de viver humano diante do envelhecimento, implicando diretamente nas suas condições de saúde, bem-estar e qualidade de vida.

Compreende-se que os costumes sociais e culturais são dinâmicos e fluentes ao longo das gerações, permitindo afirmar que a velhice e a feminização com todas as suas nuances esta em constante processo de mudança. Assim, necessário se faz pensar-agir em uma gerontologia voltada a entender a feminização da velhice com enfoque nas desigualdades interseccionais experienciadas pelo envelhecimento (MAXIMIANO-BARRETO et al, 2019; DANIEL; SIMÕES; MONTEIRO, 2012).

Diante de tais considerações é proveitoso destacar que os profissionais de saúde devem exercer uma práxis interdisciplinar, entrelaçando conhecimento de multiáreas ao entendimento sobre a feminização da velhice no processo de envelhecimento humano de modo a ampliar seu repertório cuidativo às mulheres idosas de forma eficiente e resolutiva às demandas de cuidado biopsicossocial e cultural.

Considerações finais

O envelhecimento populacional é um fato e precisa ser considerado com a relevância necessária, diante dos desafios que se apresenta no contexto da feminização da velhice, tendo em vista a sociedade patriarcal na qual a mulher idosa convive.

O ser mulher em nossa sociedade perpassa pelo papel de subalternidade em relação ao universo do homem, e isso se intensifica com a mulher idosa no seu contexto de vida sociocultural.

Precisa-se urgentemente perspectivar e fortalecer Políticas Públicas Sociais e de Saúde na programação e implementação de Linhas de cuidados, específicas à promoção da saúde das mulheres idosas, diante das demandas do processo de

feminização da velhice. Também, necessário se faz ascender às discussões de gênero como categoria analítica que compreende as relações e interações humanas em nossa sociedade.

Referências

ALMEIDA, A. V. et al. A Feminização da Velhice: em foco as características socioeconômicas, pessoais e familiares das idosas e o risco social. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/Work/Downloads/19830-Texto%20do%20artigo-86363-1-10-20150723.pdf>. Acesso em: 10 de out. 2021.

Brasil. Brasil 2050: Desafios de uma nação que envelhece. Câmara dos Deputados, Centro de Estudos e Debates Estratégicos, Consultoria Legislativa; relator Cristiane Brasil; consultores legislativos Alexandre Cândido de Souza (coord.), Alberto Pinheiro [et al.]. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara; 2017. Disponível em: <https://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/31619>. Acesso em: 11 de out. 2021.

BUTLER, Judith. "Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo". **Cadernos Pagu**, n. 11, p. 11-42, 1998. Tradução de Pedro Maia Soares para versão do artigo "Contingent Foundations: Feminism and the Question of Postmodernism", no Greater Philadelphia Philosophy Consortium, em setembro de 1990. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634457/2381>. Acesso em: 14 de nov. 2021.

DANIEL, F.; SIMÕES, T.; MONTEIRO, R. Representações Sociais do Envelhecer no Masculino e do Envelhecer no Feminino. **ex æquo**, Portugal, n.º 26, p. 13-26, 2012. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/41943>. Acesso em: 06 de out. 2021.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD). NÚMERO de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>> Acesso: 05 de set. 2018.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (Ipea). Retrato das desigualdades de gênero e raça / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. [et al.]. - 4ª ed. - Brasília: Ipea, 2011. 39 p.: il. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf>. Acesso em: 24 de out. 2021.

MAXIMIANO-BARRETO, M. A. et al. A Feminização da Velhice: uma Abordagem Biopsicossocial do Fenômeno. **Interfaces Científicas Humanas e Sociais**, Aracaju, v.8, n.2, p. 239-252, ago./set./out. 2019. DOI: 10.17564/2316-3801.2019v8n2p239-252. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/6076/3668>. Acesso em: 06 de out. 2021.

NASCIMENTO, M. R. Feminização do envelhecimento populacional: expectativas e realidades de mulheres idosas quanto ao suporte familiar. **Livros**, p. 191-218, 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/Work/Downloads/168-498-1-PB.pdf>. Acesso em: 10 de out. 2021.

NICODEMO, D.; GODOI, M. P. Juventude dos anos 60-70 e envelhecimento: estudo de casos sobre feminização e direitos de mulheres idosas. **Revista Ciência em Extensão**, v. 6, nº. 1, p. 40-53, 2010. Disponível em: http://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/324/341. Acesso em: 24 de out. 2021.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. 2005. 35 p. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gencategoria.html>. Acesso em: 08 de set. 2021.

SCOTT, Joan. Os usos e abusos do gênero. **Projeto História**, São Paulo, n. 45, pp. 327-351, dez. 2012.